

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 04  
 Data: 13.05.75 Pg.: \_\_\_\_\_

# Ismarth ouvirá apelos dos índios

Da Sucursal e do correspondente

O presidente da Fundação Nacional do Índio, general Ismarth de Araujo Oliveira, irá quinta-feira à Colônia Indígena de Dourados, em Mato Grosso, ouvir os índios terenas, caiuías e guaranis, que denunciam os trabalhadores da construtora Nosde por molestá-los frequentemente. A viagem do pre-

sidente da Funai, acompanhado por vários diretores de Departamento da Fundação, servirá para uma tomada de consciência sobre os problemas dos índios na região, cujas terras também são invadidas por grileiros. O padre Antonio Iasi tem denunciado as irregularidades à Funai e, segundo se informou, o parci Daniel Matsuo, que já representou o Brasil num congresso indígena realizado no

Paraguai, ameaça reunir os 2.500 índios das tribos para responder às investidas dos operários da construtora. Na Colônia Indígena de Dourados, nosso correspondente em Cuiabá, Oscar Ramos Gaspar, encontrou índios "prensados entre duas cidades e dezenas de fazendas". São, talvez, as tribos que mais sofrem as consequências de contatos indiscriminados com os brancos.

## Na colônia, a decadência de três tribos abandonadas

Sem nenhum controle por parte da Funai, a Colônia Indígena de Dourados — 3.166 hectares — transformou-se de uns anos para cá num abrigo ideal para vários que vivem da exploração dos índios. Ramão Machado da Silva, índio terena, de 29 anos, que foi escolhido para ser o capitão da Colônia, diz, desapontado, que a grande maioria de seus companheiros são alcoólatras. "Sabendo disso, muitos brancos trazem cachaca para as aldeias a fim de embriagar os chefes de família e corromper suas filhas". Afirma que já houve dezenas de casos desse genero, mas até agora nenhuma providência foi tomada e que mais de 300 paraguaios infiltraram-se na Colônia nos últimos anos e vivem ali como se fossem índios.

Ramão Machado da Silva afirma que o índio quando bebe fica valente e "só tem vontade de brigar". Como não tem condições de controlar a entrada de bebidas alcoólicas na Colônia — existem dezenas de pequenas vendas nas proximidades, Ramão criou uma patrulha que percorre os três núcleos da colônia, "tomando armas e acalmando os companheiros".

Preparando-se agora para fazer o exame supletivo do segundo grau e admitido que já foi "alcoólatra inveterado" como a maioria de seus companheiros, o chefe, expressando-se num bom português, conta que a arma de fogo exerce verdadeiro fascínio sobre o índio. "E, por isso, o primeiro dinheiro que o índio pega é para comprar um revólver". Exibindo dois "Taurus 38", tomados recentemente pela patrulha, Ramão diz que dezenas deles já foram enviados à Delegacia Regional da Funai em Campo Grande. Ele diz que os índios mais moços saem para trabalhar nas fazendas vizinhas e quando voltam trazem sempre uma ou duas armas.

No início de dezembro, o índio Leopoldo Gonçalves, de 21 anos, estava embriagado no centro da cidade de Dourados e assassinou um homem desconhecido a facadas. Ele e os irmãos Sebastião e Bernardo Arce, também índios, passaram cinco meses presos na cadeia pública daquela cidade, esquecidos pela Funai. Agora, eles estão na colônia, recolhidos à improvisada cadeia da sede do Posto da Funai, oferecendo aos visitantes pequenos objetos de artesanato, que aprenderam a fazer na cadeia.

### HUMILHADOS PELOS BRANCOS

O "capitão" Ramão Machado da Silva afirma que os descendentes que têm surtido entre seus companheiros e os brancos da região são provocados por humilhações impostas aos índios. "Somos chamados a todo instante de bugres preguiçosos, pés rachados e paus-d'água". E desabafa: "Sei que somos bugres, mas eles usam esse termo para nos humilhar. Nem todos nós somos alcoólatras ou preguiçosos". Sua principal queixa é contra os trabalhadores da Nosde Engenharia, que está pavimentando a rodovia Dourados — Itaporã e passa pela divisa do território da Colônia. Segundo Ramão, os trabalhadores fa-

zem todo tipo de provocação aos índios. Há alguns dias, numa das vendas da margem da estrada houve uma luta corporal em que se envolveram mais de 10 índios e brancos. O capitão, advertiu o gerente da empresa que se as provocações continuarem, os índios interditarão a estrada, paralisando as obras.

### BRIGAS INTERNAS

Se existem os problemas de relacionamento com o branco, a coexistência das famílias guarani, terena e caiuí também não é totalmente amistosa. Os caiuías são os mais arredios e quando, no ano passado, a Funai entregou ao capitão o trator para trabalhar na lavoura de todos os índios, os caiuías protestaram dizendo que a Funai estava protegendo as outras tribos esquecendo deles. Há um mês, caiuías invadiram a casa do guarani Marçal de Souza, e destruíram tudo, obrigando-o a mudar-se para a cidade. Marçal de Souza, que é considerado o índio mais culto da região, mas muito "falador" — quando o ministro Rangel Reis visitou Colônia no ano passado ele fez um discurso apontando os erros da Funai e a marginalização do índio aculturado — está desaparecido há mais de 15 dias.

### "ÍNDIO QUER TRABALHAR"

Ramão Machado da Silva diz que seus companheiros vêm demonstrando maior interesse pela agricultura e hoje "mais de 20 famílias já não plantam só para comer, mas para vender". Como responsável pelo trator e os implementos que a Funai doou à colônia ele trabalha nas lavouras de todos os índios, cobrando uma pequena taxa para manutenção da máquina e criação de um fundo

para que, quando esta ficar velha, a gente possa comprar outra".

Ramão orienta seus companheiros para que trabalhem a sua terra, "mas muitos ainda preferem ir trabalhar nas fazendas, onde o dinheiro é mais imediato, embora pouco". Na colônia já existem quase 200 hectares cultivados, que podem ser mecanizadas, e apenas um trator não suporta todo o trabalho. O índio Inocencio Ribeiro da Silva, de 75 anos, mas aparentando 50, diz que até hoje seu trator tem sido a enxada, mas assim mesmo cultiva milho, arroz e feijão e lamenta que seus filhos e genros preferam trabalhar fora, gastando o dinheiro "com cachaca e mulher".

### MISSÃO CAIUI

Instalada numa chacara de 21 hectares, ao lado da colônia, a Missão Evangélica Caiuí vem prestando assistência médica e social aos índios há 46 anos. Os 2 mais responsáveis pela Missão, pastor Orlando Bonfim e sua esposa Leide Bonfim, estão ali há 36 anos, mantendo um hospital para tuberculosos, com 74 leitos, além de oficinas, escolas e quadras de esportes para os índios.

Assistente social e cursando o último ano de Direito, dona Leide Bonfim já participou, como representante de Mato Grosso e Goiás na Associação Interamericana de Mulheres, de diversos congressos internacionais sobre o índio e sempre defendeu a tese de que a integração efetiva do índio na sociedade não passa de utopia. "O que pode haver — afirma ela — é uma maior participação do silvícola na vida comunitária, mas verdadeira integração nunca".

## Sudeco defende empresa pública para o Polocentro

Da Sucursal de BRASÍLIA

O superintendente da Sudeco, Nelson Jairo de Faria, defenderá, hoje, na Comissão de Assuntos Regionais da Câmara dos Deputados, a criação de empresas públicas ou de economia mista para administrar algumas áreas do Polocentro e do Polomazônia, que ficariam responsáveis pela montagem da infra-estrutura básica necessária à execução dos dois programas.

Nelson Jairo representará o ministro do Interior, Rangel Reis, no 3.º Encontro do Oeste Brasileiro, a ser realizado no período de 23 a 25 de maio, em Brasília. Esse encontro, com a presença do presidente Geisel, os ministros da Agricultura e dos Transportes, além dos governadores de Mato Grosso e Goiás, pretende servir de base para discussões das metas do Polocentro.

Os empresários verificaram com os representantes do governo a possibilidade de adicionar milhares de novos hectares ao ciclo produtivo da agropecuária, procurando se fazer um estudo conjunto e um levantamento das necessidades para fertilizantes, armazéns, correteis de solo, gatilhos vicinais e outros insumos.

Embora afirme que a incorporação de 3 milhões de hectares de solos de cerrado é perfeitamente viável nos próximos três anos, dentro dos objetivos traçados pelos programas Polomazônia e Polocentro, Nelson Jairo de Faria acredita que a maneira mais fácil de se atin-

gir essa meta seria a criação de empresas para cuidar de algumas áreas, como por exemplo, as de Aripuanan, Juruema e Rondonia, ou Carajás e Trombetas.

Ao afirmar que são grandes as limitações, explicou que para se atingir os 3 milhões de hectares de solos recuperados no Centro Oeste, nos próximos três anos, será necessário aplicar duas toneladas de calcário por hectare, ou seja, seis milhões de toneladas desse fertilizante em toda a área.

Embora o País possua 130 milhões de hectares de solo de cerrados, o superintendente da Sudeco diz que os três milhões de hectares a serem recuperados no próximo triênio, representam o limite da capacidade brasileira, pois, para torná-los produtivos, a indústria nacional precisaria produzir mil tratores pesados em dois anos, ou 40 mil tratores de roda em 3 anos, o que significa mais do que a quintuplicação de sua produção atual, embora a área que está sendo beneficiada represente menos de três por cento do total.

Também no setor de financiamento à produção, o superintendente da Sudeco acredita que se torne imprescindível a concessão de sete bilhões de cruzeiros de crédito rural para este ano. Ele calcula que cada hectare de solo recuperado exigirá investimentos de

ordem de dois a cinco mil cruzeiros. Quanto à especulação de terras na área abrangida pelo Polocentro, o superintendente da Sudeco diz que ela não se constitui em preocupação para o governo, bastando que se aplique o imposto territorial rural.

"A grande preocupação do governo foi obrigar a financiamento total, para impedir a especulação em torno das terras. O perigo é que seus proprietários, após o pagamento da primeira parcela do financiamento, esperassem a valorização das terras e as revendessem. Mas com o financiamento obrigatório de total do projeto, o governo impediu legalmente esta possibilidade".